

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. 91 páginas. ISBN 978-85-7897-005-5

&

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Tradução Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: EdUFMG, 2011. 71 páginas. ISBN 978-85-7041-898-2

Antônio Aurélio de Oliveira Costa*
Magda Guadalupe dos Santos

Essas duas obras recém lançadas no mercado brasileiro merecem ser lidas e apreciadas numa perspectiva dialógica, o que aqui se propõe. Em primeiro lugar, tem-se a obra do professor de filosofia da Universidade de Veneza, *Giorgio Agamben*, com preocupação estética e pela teoria da linguagem. Em outro lugar, não menos importante que o primeiro, tem-se o texto de *Paul Ricoeur*, grande mestre da hermenêutica contemporânea, em que discute a pertinência de uma filosofia da tradução. Certamente, os textos são originais e independentes entre si, assim, como o são os autores dessa resenha. Mas nos parece pertinente juntá-los numa leitura com bases interlocutórias já que a questão de um *diálogo intercultural* que se apresenta no problema da tradução pressupõe certa ontologia da linguagem, como questão afeita às teorias contemporâneas.

Apresentamos aqui alguns aspectos de cada uma dessas obras. Os textos que compõe a obra de Agamben datam de 2006, 2007 e 2008. Sua tradução é de 2009 e reúne num só livro alguns ensaios que investigam a questão do tempo de uma perspectiva moral e política. A contemporaneidade é “uma singular relação com o próprio tempo” (AGAMBEN, 2010, p.59), sem que se mantenha sobre a época um olhar fixo, mas sempre à distância, para poder sobre ela se verter, embora já numa dissociação anacrônica, entrevendo sua “íntima obscuridade” (AGAMBEN, 2010, p.64). O filósofo italiano questiona acerca das possibilidades de distintas ações políticas, com novos registros de amizade que possam criticar as posturas governamentais existentes e até mesmo as posturas intersubjetivas, merecendo ambas ser desconstruídas e retomadas sob novas pautas valorativas.

*Professores do Departamento de Filosofia do Instituto Dom João Resende Costa da PUC MINAS. E-mail: aureliocosta@terra.com.br & magda.guadalupe@yahoo.com.br

Seu processo de análise é, sem dúvida, crítico e se assenta em pilares estéticos voltados a apontar a relevância das fraturas do tempo para alcançar as sutilezas da poesia. Numa linguagem nova, crítica e bela, o filósofo nos leva a refletir sobre os liames entre passado, presente e futuro, como meio de apontar para a relevância do próprio pensamento na cultura contemporânea.

No ensaio “o que é um dispositivo”, seu ponto de partida é a questão conceitual, dialogando com Foucault e Hypollite, mas mantendo entre eles a base hegeliana da “positividade”, da própria dialética entre liberdade, coerção, razão e história. Entre todos os filósofos, há os jogos de poder que determinam os rumos da cultura. Texto denso e pleno de transdisciplinaridade temática, o filósofo passeia pelos campos do saber, investigando o perfil antropológico do século XX. Mas é pela definição da filosofia como amizade que Agamben nos surpreende, tecendo novos diálogos entre Aristóteles e Derrida. Ele conduz a leitura de seu texto para as díades culturais como as que se formam entre insulto e experiência de linguagem; religião e ética; sentimento e vivência (AGAMBEN, 2010, p.84) e, finalmente, entre amizade e *condivisão* (AGAMBEN, 2010, p.92), como condições do próprio fato de existir como algo que se reparte, partilha e consente em termos políticos.

Em *Sobre a Tradução*, texto publicado em 2004, exatamente um ano antes de seu falecimento, Paul Ricoeur analisa a relação entre tradução e interpretação. Os paradigmas da tradução são aqui tratados, também em diálogo com Derrida e Heidegger, considerando a *metáfora viva* como base dialógica.

Os três textos que compõem a obra são claros, distintos e tratam das novas interpretações causadas pelas traduções e pela fundamentação do sentido inerente ao processo de tradução do que é, realmente, intraduzível, devido às “equivalências sem identidade”, aos desafios diante das diversidades das línguas.

Em diálogo com Derrida, identifica a rejeição do privilégio de uma língua em particular, tal como se verifica em Heidegger, e ao abandono da consideração abstrata da linguagem, tal como se vislumbra em Gadamer. Derrida apresenta a multiplicidade lingüística como figura de abertura ontológica e o fato do paradigma da tradução (RICOEUR, 2011, p.48) lhe parecer mais um processo de reinvenção cultural da linguagem. Ricoeur vê na tradução o desejo de acolher a palavra estrangeira no processo de transformação e de reconfiguração da própria língua: “É sempre possível dizer a mesma

coisa de outro modo” (RICOEUR, 2011, p.50), definindo uma palavra por outra, vislumbrando na linguagem, tal como Peirce, a “reflexividade da linguagem sobre si mesma” (RICOEUR, 2011, p.50)

A tradução lhe parece um rol de dificuldades, em seu “duplo sentido de ‘provação’ e de ‘exame’”, mas se revela, sobretudo, enquanto uma “pulsão de traduzir” (RICOEUR, 2011, p.22). Mas nesse processo depara-se também com a relação entre o autor, o tradutor e o leitor. Na passagem intermediada pelo tradutor, um idioma inteiro se faz chegar ao outro. Mas sua tarefa é desconfortável, paradoxal, com suspeita de traição que remete o filósofo a uma linhagem exegética que passa por Schleiermacher, Franz Rosenzweig e grandes nomes do Romantismo alemão, como Herder, Goethe, Schiller e Novalis. Todos esses nomes levam Ricoeur a compreender que as “inquietantes paragens do indizível, do intraduzível, apenas nos levam a rever os pressupostos da amizade, da discrição, da preservação da distância na proximidade (RICOEUR, 2011, p.56). Pois, traduzir é remeter à busca de sentido à idéia, ainda que confusa, de uma “restituição”.

Além do texto, há também, tal como em Agamben, o confronto com a poesia. Se em Agamben esta é sempre retorno, mas enquanto adiamento, retenção e não nostalgia ou busca por uma origem, um caminhar e não uma simples marcha para frente, pois, é um “passo suspenso” (AGAMBEN, 2009, p.19), em Ricoeur, a poesia é, sobretudo, dificuldade. União inseparável do sentido e da sonoridade, do significado e do significante (RICOEUR, 2011, p.24). Tal confronto, contudo, serve de analogia face às dificuldades do texto filosófico. A filosofia pressupõe intertextualidade que se dissimula na “própria grafia da palavra” (RICOEUR, 2011, p.25) e que toma o sentido de transformação, refutação de empregos anteriores por autores de tradições distintas ou similares.

Finalmente, vale argumentar, a tentativa de se encontrar uma identidade comunitária na vasta área cultural em que se identificam as questões lingüísticas, as presunções ou produções de equivalência e de comparações, enfim, de verdadeira “construção do comparável” (RICOEUR, 2011, p.68). Enfim, buscando nos grandes poetas alemães, como em Hölderlin e Paul Celan, a questão do sentido, volta-se finalmente para Husserl, para ali identificar, mesmo que criticamente, que o sentido é completo no ato de “conferir sentido”, o que não exclui a luta contra o intraduzível, seja porque este é real, seja porque o impulso a traduzir é também constante em cada cultura.